



Entre Bits e Pixels: Uma Análise Processual e Sistêmica da Comunicação em Rituais Católicos Online¹

Moisés SBARDELOTTO²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

RESUMO

Com a manifestação de um fenômeno de apropriação da Internet pelas instituições religiosas para a realização de suas práticas, este artigo busca descrever e analisar o funcionamento desses serviços e de suas modalidades em sites católicos brasileiros. A partir da teoria geral dos sistemas de Ludwig von Bertalanffy e das contribuições posteriores de Niklas Luhmann, examinam-se elementos comunicacionais e religiosos que interagem no interior das páginas eletrônicas.

PALAVRAS-CHAVE: Internet; religião; interação; sistema; midiatização.

Introdução

No amplo contexto das interações comunicacionais possibilitadas pelo desenvolvimento de redes digitais, percebemos uma apropriação da Internet transformada em meio no âmbito das práticas religiosas. A religião, em geral, em sua necessidade de dar a conhecer as suas verdades sobre o mundo, independentemente de sua base doutrinária, se apropria dos dispositivos digitais comunicacionais ao seu alcance, através de suas várias possibilidades, para transmitir sua mensagem de fé.

Dentro desse contexto, procuramos, neste artigo, descrever e analisar o funcionamento de alguns desses serviços e de suas modalidades, em sites católicos brasileiros, a partir da teoria geral dos sistemas de Bertalanffy (1977), com as contribuições e reflexões posteriores de Luhmann (1990)³.

Partimos do conceito de sistema de Bertalanffy (1977), ou seja, o “total de partes com suas inter-relações” (p.83), ou ainda “um complexo de elementos em interação” (p.84). Aqui, ao usar o conceito de sistema, referimo-nos ao sistema comunicacional-religioso dos sites católicos, ou seja, ao conjunto de elementos comunicacionais e religiosos que interagem no interior das páginas eletrônicas. Nesse sistema, como afirma o autor, os elementos diferem em número, em espécie e em relações. E um sistema existe

¹ Trabalho apresentado no GP Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais na América Latina do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos, e-mail: msba@ymail.com.

³ Os trechos citados dessa obra são de tradução nossa do original em italiano.



somente em uma tensão constante e dinâmica entre “a manutenção e a mudança, a preservação do sistema e o conflito interno” (p.261).

Esse complexo opera também em complexidade, pois, na totalidade, dentro de um sistema, também existem subsistemas, e um sistema sempre é um subsistema por ser parte de um sistema maior. E essas relações entre sistemas ocorrem em constante e dinâmica interação. Como indica Luhmann (1990), o sistema global é “uma unidade de subsistemas e de ambiente” (p.71). Segundo o autor, “uma das consequências mais relevantes do paradigma sistema/ambiente é constituída pela necessidade de distinguir entre o *ambiente* de um sistema e os *sistemas dentro* do ambiente desse sistema” (LUHMANN, 1990, p.87). Por isso, o autor afirma existir um processo de *diferenciação sistêmica* dentro de um sistema como unidade, ou seja, uma “*unitas multiplex*” (Id., p.88). Pois,

A cada ambiente pertence [...] o próprio ambiente como estrutura das relações recíprocas entre sistema e ambiente, caracterizada por uma desconcertante complexidade, mas também contemporaneamente como unidade constituída por esse mesmo sistema (LUHMANN, 1990, p.87).

Nesse sentido, o sistema comunicacional-religioso, abordado aqui como os sites católicos, fazem parte tanto do sistema mais complexo do comunicacional, quanto do religioso. O fiel, por sua vez, também faz parte do sistema religioso, assim como de outros sistemas. No geral, todos esses sistemas são subsistemas do sistema social, e assim por diante.

Dessa forma, nosso interesse comunicacional é perceber como se dão essas interações entre sistema e fiel, e vice-versa, e como se constrói a comunicação no interior desse ambiente digital. Descreveremos e analisaremos, a partir de agora, alguns elementos para a compreensão desse fenômeno.

Serviços Religiosos Online: Novos Rituais em Novas Modalidades

Percebe-se hoje uma dispersão rápida e abrangente de páginas e serviços religiosos na Internet no Brasil. Paróquias, dioceses, movimentos e demais associações vinculadas oficialmente à Igreja, assim como todos os grandes canais de televisão católicos, possuem sua página na Internet.

Em geral, sendo sites institucionais, constam nesses ambientes documentos e demais informações oficiais de cada órgão citado, além de registros históricos, dados gerais e cobertura jornalística de eventos relacionados a cada instituição. Porém, ao



mesmo tempo, são oferecidos diversos outros serviços religiosos ao fiel-internauta: versões online da Bíblia; orientações com líderes religiosos via online; orações para serem lidas na própria página ou serviços para o envio de pedidos de oração; programas de áudio e vídeo, como missas, palestras e orientações; dentre muitas outras opções.

Chama a nossa atenção aqui a oferta de serviços online que possibilitem não um conhecimento de tipo “racional” ou uma interação apenas “informativa” (como a publicação de documentos ou notícias), mas sim uma modalidade de *vivência de fé*, uma *experiência religiosa*⁴ por meio da Internet. Ou seja, ofertas pelas quais o fiel, onde quer que esteja, quando quer que seja, diante de um computador conectado à Internet, estabelece assim seu ambiente de culto. Diante da tela do computador, entre *bits*⁵ e *pixels*⁶, presta seu louvor a Deus.

Nesse sentido, podemos destacar, a partir de nossas observações, a priori, duas formas de interação comunicacional-religiosa online. Essas interações ocorrem dentro de um fenômeno comunicacional mais amplo, em que a Internet é apropriada pela Igreja e pelo fiel como “lócus” (ambiência) para a experiência religiosa ritualizada. Em ambas as interações, o fiel pode vivenciar uma experiência religiosa a partir de um ritual religioso que se organiza segundo uma liturgia proposta pelo sistema comunicacional-religioso dos sites católicos e vivenciada a partir e no interior desse sistema.

Interações Rituais de Fechamento

Teorização Inicial sobre a Conceituação

Na primeira modalidade de interação, o fiel, conectado ao sistema, *receberá* dele os elementos necessários para vivenciar sua experiência religiosa. Sua atitude é de *acolhida* (para usar um termo com viés religioso) das imagens de uma missa (ao vivo ou gravada), das mensagens de um texto, das palavras de uma palestra em áudio. Ou seja, o fiel cumpre um contrato previsto pela oferta, pelo site institucional. O fiel poderá vivenciar sua experiência religiosa a partir do conteúdo ofertado pelo site, porém sem

⁴ Como experiência religiosa, entendemos a “percepção da presença do sagrado por parte do sujeito que a faz” (LIBÂNIO, 2002, p.92), independentemente de seu nível. Ampliando o conceito, Boff (2002, p.39) afirma que a experiência religiosa “se expressa em muitas linguagens” e é universalizável, pois “ocorre em todos os lugares e em todas as histórias”, mesmo que suas traduções sejam “sempre culturais, localizadas e datadas” (BOFF, 2002, p.52).

⁵ Segundo a Wikipedia (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bit>), *bit* é a simplificação para dígito binário, *Binary digiT* em inglês. Um bit é a menor unidade de informação que pode ser armazenada ou transmitida.

⁶ Ainda segundo a Wikipedia (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pixel>), o termo Pixel é a aglutinação de *Picture* e *Element*, ou seja, elemento de imagem. Um pixel é o menor elemento de uma imagem digital.



deixar sua marca no ambiente online. Como em um grande repositório, o fiel acessa esse arcabouço e dele retira o que lhe convém.

A interação online, por isso, encerra-se aí: na oferta, por parte do site, e na aquisição, por parte do fiel, de material religioso. Nesse sentido, o fiel, no interior do sistema comunicacional-religioso, opera apenas uma ação de reação à proposta do site e de leitura (ritualizada) dos conteúdos. Cabe destacar que é uma reação construtiva, não apenas automática ou sem construção simbólica. O internauta, clicando nas opções oferecidas pelo sistema, reage à oferta e, a partir dessa reação, constrói sua experiência religiosa seguindo os estímulos do sistema. É uma reação consciente, não apenas “reativa” em sentido mais restrito.

Por outro lado, a leitura operada através do sistema é uma operação de *leitura simbólica*, ou seja, de apropriação do mundo religioso a partir do ambiente digital, dos textos, contextos, imagens e sons que são oferecidos a partir da tela, e não apenas uma leitura de palavras. Por outro lado, a leitura do conteúdo religioso do sistema é uma continuidade da leitura do mundo religioso que o fiel reconhece a partir de suas experiências no mundo offline, ou seja, ele realiza também uma *leitura de mundo*, em sentido freiriano⁷. Caso, porém, os conteúdos religiosos do sistema não sejam do arcabouço simbólico do internauta, a apropriação simbólica feita em sua leitura não será ativada por um processo de lembrança, mas sim de imaginação.

Para o internauta, essa leitura no sistema é ritualizada, ultrapassando o nível vivencial e experiencial de uma leitura de uma notícia de jornal, por exemplo – a leitura simbólica operada nos rituais online é algo mais. Poderíamos dizer que é uma leitura *performática*, ou seja, lendo, o fiel acredita também estar fazendo o que lê.

Sem dúvida, além disso, é importante ressaltar que essa leitura simbólica é uma leitura digital, com tudo o que isso implica em comparação com uma leitura tradicional do mesmo conteúdo em um livro religioso impresso: na Internet, constrói-se um texto fluido, em fluxo, hipertextual, multilinear, e o ritual vivenciado a partir desse texto também desencadeia uma experiência religiosa física, mental e espiritualmente remodelada e potencialmente aberta. É por isso que, nessa primeira modalidade de interações rituais, a tendência do sistema é de fechar essa abertura sistemática, em uma interação em que o fiel age apenas como um leitor, um visitante de passagem, que não

⁷ Segundo Paulo Freire, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (in “A importância do ato de ler: em três artigos que se completam”, São Paulo: Cortez: 2001).



deixa marcas nem sinais dessa visita no interior do próprio sistema – sua construção simbólica se dá fora do sistema.

Por isso, chamaremos essa modalidade de *interação ritual de fechamento*, pois o fiel interage com o sistema comunicacional-religioso que tende ao fechamento, ou seja: o internauta não irrita esse sistema, não o desestabiliza nem o afeta.

Segundo Bertalanffy (1977), existiriam sistemas fechados e abertos. Sistemas fechados, para o autor, são “sistemas que são considerados estarem [sic] isolados do seu ambiente” (BERTALANFFY, 1977, p.63) e nos quais “o estado final é inequivocamente determinado pelas condições iniciais” (p.64). Para Luhmann (1990), os sistemas “se constituem por meio da produção e da conservação de uma diferença com relação ao ambiente, utilizando seus próprios limites para regular essa diferença” (p.86). “A conservação do *limite (boundary maintenance)* coincide com a conservação do sistema” (Ibid.). Ou seja, é necessária essa limitação entre o sistema comunicacional-religioso e o fiel – e que ela seja demarcada e regulada por limites estipulados pelo sistema – para a sua própria conservação. O fiel, portanto, neste caso, interage com o sistema comunicacional-religioso sem alterá-lo ou desestabilizá-lo – o sistema conserva a sua identidade.

Por isso, podemos falar que as interações rituais de fechamento ocorrem ainda por meio de um processo de *diferenciação* entre o sistema comunicacional-religioso e o ambiente (neste caso, fiel, já que “o ambiente é notavelmente sempre mais complexo do que o próprio sistema” [LUHMANN, 1990, p.311]). Para Luhmann (1990), “a relação com o ambiente [...] é constitutiva para a formação dos sistemas” (p.305). Porém, o ambiente constitui “o pressuposto da identidade do sistema porque a identidade é possível apenas mediante a diferença” (Id., p.306).

Pudemos perceber que essa modalidade de interação ritual de fechamento encontra uma grande manifestação nos sites católicos brasileiros, em que a experiência religiosa dos fiéis se realiza em um processo de fechamento do sistema comunicacional-religioso. A seguir, descreveremos analiticamente alguns exemplos.

Descrição analítica

Na “Capela Virtual Santuário Nacional”, do site A12 (www.a12.com/santuário/capela), site oficial do Santuário Nacional Nossa Senhora Aparecida, de São Paulo, o internauta encontra diversos serviços para o seu ritual online. Algumas dessas opções ocorrem sem interferência do fiel no sistema. Este apenas



acompanha o que o sistema lhe propõe. Na opção “Nicho da imagem”, por exemplo, um vídeo inicia automaticamente, mostrando um ângulo fixo do local onde se encontra a imagem de Nossa Senhora Aparecida, na Basílica de Aparecida, São Paulo. No vídeo, fiéis rezam e contemplam a imagem no santuário. Apesar de o vídeo dar a entender que se trata de imagens ao vivo, percebe-se que, em momentos diferentes, as imagens transmitidas são as mesmas.

Ao clicar nessa opção, o fiel, onde quer que esteja, “sente-se” presente no Santuário, podendo rezar, como se estivesse diante da imagem de Nossa Senhora, inclusive com os sons do ambiente “ao vivo” (crianças falam alto, ouvem-se ruídos de martelo, de pessoas caminhando etc.). Diferentemente de outros sites, em que é utilizada uma música de fundo, neste caso até mesmo as interferências do mundo offline são mantidas e favorecem a construção simbólica do ritual de contemplação da imagem vivenciada pelo fiel por meio do site.

Já no link “Terço Virtual”, o fiel pode rezar “o terço passo-a-passo online”. Basta obedecer ao convite do site: “Clique para rezar o terço agora”, que está sobre uma imagem de uma mão que segura o terço, ao lado de outra imagem de outro terço.

Ao clicar na imagem, abre-se uma janela *pop-up*⁸ com o logotipo do Santuário Nacional, uma imagem do terço e o texto da “oração inicial”. Um áudio também inicia automaticamente, com a leitura da oração, junto com uma música de fundo. Ao clicar no link “Iniciar”, o fiel é remetido para a próxima oração, o “Creio”. Em seguida, aparece o texto da oração do “Creio” e os links “anterior” e “próximo”, que remetem o fiel às orações anteriores ou posteriores. Ao clicar nos links, o texto das orações aparecem automaticamente, a imagem do terço é aproximada, e um círculo azul surge ao redor da “conta” do terço em que o fiel se encontra. Uma imagem de outro terço menor aparece sobre a imagem do terço principal, para indicar ao fiel onde ele se localiza na totalidade da oração.

⁸ Janela extra que se abre automaticamente sobre a tela principal.

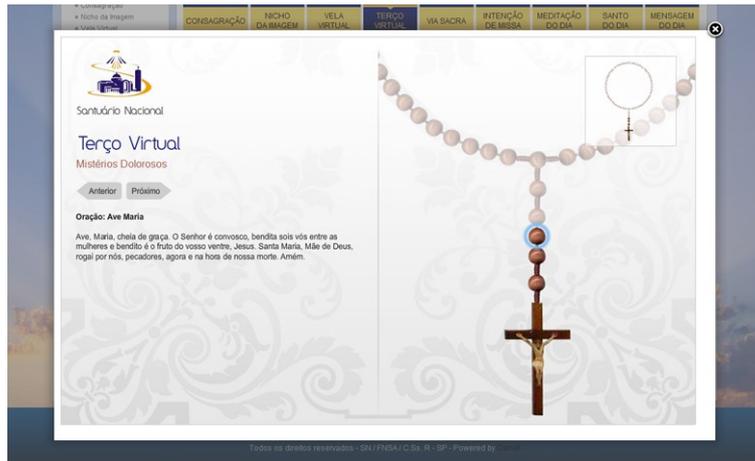


Figura 1 - Oração do "Terço Virtual" na "Capela Virtual" do site A12

Enquanto isso, a narração das orações continua, mas não é alterada pelo clicar do fiel, ou seja, mesmo que ele clique para a próxima oração, o áudio continua na oração anterior, sem alterar seu ritmo ou sem quebras na locução. Ao chegar ao final da sua oração, aparece o texto da “Oração final” e as imagens do terço são substituídas por uma grande imagem de Nossa Senhora Aparecida. Novamente, nesse caso, o fiel apenas acompanha o desenrolar da oração, ou então, quando muito, clica nas opções delimitadas pelo sistema para se dirigir às próximas orações. Sua condição fundamental no desenrolar da oração é de ouvinte, leitor e assistente do ritual.

Em suma, dentro desse breve panorama descrito de interações rituais de fechamento, poderíamos incluir ainda diversos outros serviços e rituais disponíveis nos sites, como as versões da Bíblia online, os vídeos de missas e palestras (ao vivo ou gravadas), demais mensagens e reflexões religiosas em formato de texto etc. Em todas elas, percebe-se que o internauta vivencia o ritual de sua escolha mantendo-se nas delimitações de liturgia do sistema, que o impede de interferir nessas delimitações. A postura do fiel restringe-se a ler, ouvir e/ou assistir as informações oferecidas pelo site. Sua experiência religiosa é fomentada por essa interação, que depende, sim, de sua vontade pessoal de avançar ou retroceder (quando essas opções lhe são dadas), porém sua decisão e vontade não vão muito além disso, pois o sistema o restringe a operar em seu interior apenas por meio dessas duas opções (quando existem).

O sistema, portanto, possibilita uma interação com o fiel em uma processualidade de fechamento ao ambiente externo. No interior do sistema, não há criação por parte do fiel, não há construção, não há escrita, no sentido mais amplo do termo. O fluxo da interação e da experiência religiosa é marcada pela restrição e fechamento operados pelo



sistema. Isso irá diferenciar em grande medida a postura do fiel com relação à segunda modalidade de interação que passaremos a descrever.

Interações rituais de abertura

Teorização inicial sobre a conceituação

A segunda modalidade se refere a serviços específicos em que o fiel não apenas se conecta ao sistema e se apropria do que lhe é oferecido (como na visualização de um vídeo ou na leitura de um texto que vimos acima), mas também interfere nele, desestabiliza-o, altera-o, interage construindo sua experiência com ele: em suma, enviando informações concretas relacionadas à vivência de fé e recebendo contrapartidas por parte desse sistema.

Assim, diferentemente da primeira modalidade, ocorre aqui uma transação nessa interação entre sistema e fiel e vice-versa, provoca-se uma desestabilização do sistema do seu ponto original a partir de um *processo de abertura* do próprio sistema. Para Bertalanffy (1977), um sistema aberto é “um sistema em troca de matéria com seu ambiente, apresentando importação e exportação, construção e demolição dos materiais que o compõem” (p.193). Nesse sentido, o sistema comunicacional-religioso abre-se ao fiel, que, em seu interior, insere “matéria religiosa”. Ocorre, por isso, além de uma exportação sistema-fiel, também uma importação nesse mesmo sentido. O fiel, constrói o religioso no interior do sistema, que, por sua vez, reconstrói e remodela essa matéria, ou então demole e se desfaz dela.

Sistema aberto é ainda um sistema que, em certas condições e em determinado momento, chega a um “estado estável” (Id., p.194). E esse estado estável é alcançado “independente das condições iniciais e determinado somente pelos parâmetros do sistema” (Ibid.), aquilo que o autor chama de *equifinalidade*: um estado final que pode ser atingido partindo de diferentes condições iniciais e depois de o sistema passar por perturbações. Diferentemente do equilíbrio (em que o sistema não realiza mais trocas com o meio, fica em repouso, “descansa” fixamente), o sistema, ao alcançar a estabilidade, “permanece constante em sua composição, a despeito de contínuos processos irreversíveis, importação e exportação, construção e demolição, estarem em ação” (Ibid.). Ou seja, o que define um sistema aberto são as “interações entre múltiplas variáveis [...], uma organização dinâmica de processos” (Id., p.209).



Ao abordar sistemas vivos e sociais, Bertalanffy (1977) admite que não se trata de uma “configuração estática ou uma estrutura do tipo das máquinas” (p.212). Pelo contrário, a tendência dos organismos é chegar a um estado estável a partir de uma “contínua destruição e síntese” (Id.) – regulada. Isso se dá, segundo o autor, por meio de uma tensão entre a questão *estática* (conservação do sistema ao longo do tempo) e a questão *dinâmica* (variações do sistema ao longo do tempo). Nesse sentido, o fechamento de um sistema (enquanto “estado estável”) só é possível pela sua abertura. É essa abertura, entre assimilações e acomodações, que permite que o organismo evolua.

Nesse contexto, o sistema comunicacional-religioso também tende para essa estabilidade: o fluxo de interações com o fiel – a dinâmica de processos de “importação e exportação, construção e demolição” –, mesmo que desestabilize o sistema por um determinado período de tempo, tenderá para a estabilidade do sistema. E isso independe das condições iniciais (pois, justamente por ser aberto, também estão sempre em dinâmica) e é “determinado somente pelos parâmetros do sistema”, que assimila e acomoda as interferências do fiel.

Em nossa observação, encontramos, nas interações rituais de abertura, um processo, justamente, de abertura ao meio (fiel), que, estática e dinamicamente, vai sendo construído a partir das perturbações, transações, desestabilizações e irritações que o fiel causa no sistema, que, inicialmente, ofereceu essa oportunidade ao fiel. Poderíamos dizer, nesse sentido, que ocorre um processo de *interpenetração* entre sistema e fiel. Interpenetração, em sentido luhmanniano, “não se trata da geral relação entre sistema e ambiente, mas de uma relação intersistêmica entre sistemas que pertencem reciprocamente um ao ambiente do outro” (LUHMANN, 1990, p.354). Ou seja, ocorre uma “desordem” em que “os sistemas interpenetrantes permanecem como ambiente uns para os outros” (Id., p.356).

Para Luhmann (1990), “a evolução é possível só por meio da *interpenetração*, isto é, só quando os sistemas se tornam *reciprocamente* possíveis” (Id., p.358). Ou seja, quando os sistemas reconhecem-se enquanto tais, dentro de um mesmo ambiente. Em nosso caso, fiel e sistema comunicacional-religioso co-existem em um mesmo ambiente, o da religião, e se interpenetram devido à existência e o reconhecimento desse ambiente comum. Por isso,

O sistema receptor retroage também na formação da estrutura dos sistemas penetrantes, intervindo portanto de um modo duplo sobre este último: pelo exterior e pelo interior. São então possíveis maiores graus de liberdade, apesar



(ou melhor, justamente por causa) do reforço das dependências [entre os sistemas] (LUHMANN, 1990, p.355).

Nas interações rituais de abertura, o sistema, em um processo de abertura, permite que o fiel penetre no sistema, que retroage a essa penetração, e assim ciclicamente. Assim se realiza, segundo Luhmann (1990), a comunicação.

Para comunicar e compreender, e muitas vezes também para produzir os dados de fato que funcionam como informações dentro do contexto comunicativo, é necessária a presença de homens. A interpenetração que implica uma contribuição de complexidade para a construção de um sistema emergente tem assim lugar na forma de comunicação; e, vice-versa, o concreto início de uma comunicação pressupõe uma relação de interpenetração (LUHMANN, 1990, p.358).

Nossa compreensão de interpenetração sistêmica desenvolve-se a partir de nossa observação do processo que aqui chamamos *de abertura* em algumas modalidades específicas nas interações rituais nos sites católicos. A seguir, analisaremos alguns exemplos, comentando-os a partir desse prisma.

Descrição analítica

Para exemplificar essa segunda modalidade de interação ritual, uma das opções de serviço muito difundida em quase todos os grandes sites católicos brasileiros visitados são os chamados “pedidos de oração”, assim como as chamadas “velas virtuais”, uma remodelagem da antiga tradição de acender velas a Deus em oração.

Na sua versão digital, em geral, o fiel preenche seus dados pessoais em um formulário online e inclui seu pedido de oração – que às vezes é escrito dirigido diretamente a Deus, às vezes a outro fiel ou ainda sem um destinatário explícito. Depois, ele pode escolher o formato de sua vela dentre as opções oferecidas (imagens pictóricas, às vezes estáticas, às vezes animadas) e clica finalmente em um botão (“acender” ou “enviar”) para que a sua oração seja enviada ao sistema. Em alguns sites, as orações dos demais fiéis podem ser visualizadas, em outros constam apenas os nomes dos fiéis que acenderam suas velas naquele dia, sem a opção de ver seu conteúdo. Em geral, também, afirma-se que a vela permanecerá “acesa” (ou seja, estará disponível para acesso no site) por um determinado número de dias.

No site CatolicaNet, por exemplo, o usuário encontra o link “Velas Virtuais” (www.catolicanet.com/?system=velas) dentro da seção intitulada “Interatividade”. Nesse



espaço, o internauta se depara com um determinado número de “velas acesas” por outros fiéis, no formato de imagens. Lá também se explica, dentre outras coisas, que “a função da luz é fazer enxergar. Por isso, ser luz é fazer o mundo enxergar a presença viva de Deus entre nós, num comportamento de amor, verdade, justiça e paz. Esse é o maior significado das velas, representação material de luz”. Logo abaixo, encontra-se o número de velas acesas, ao lado do link com o convite imperativo: “Acenda também a sua!”, com as imagens animadas das velas acesas por outros usuários.

Ao clicar no link para acender uma vela, o fiel encontra um formulário de dados para serem enviados ao site (nome, e-mail, nome do destinatário, e-mail do destinatário e mensagem) e ainda pode escolher um modelo de vela, dentre os seis disponíveis (mudam poucos elementos gráficos, apenas a “textura” daquilo que seria a cera das velas, a grossura e o seu suporte). O texto e a imagem da vela escolhida, após o envio das informações, passam a aparecer na página principal do serviço. Geralmente, essa configuração para que o fiel “acenda” uma “vela virtual” é a mesma, ou muito semelhante, nos demais sites católicos.

Já ao clicar em alguma das imagens das velas acesas por outros usuários, abre-se uma janela *pop-up*, na qual podemos ler as intenções pedidas pelos usuários. Ao visitar as velas mais antigas, as imagens das velas aparecem já “consumidas” pelo tempo.

Ou seja, nesses casos, diferentemente das interações rituais de fechamento, o fiel tem acesso ao interior do sistema, interfere nele e deixa ali a sua marca. O sistema abre-se a esse fiel, permite (ou convida, ordena) a interação – dentro de suas regularidades e em sua dinâmica própria (já que tende para a sua própria estabilidade e conservação, como víamos acima).



Figura 2 - Exemplo de "Vela Virtual" do site CatolicaNet

No exemplo acima, a fiel “Goreti” envia sua “vela virtual” a “Bruno” (incluindo seu endereço de e-mail, o que fará com que o sistema reenvie esse pedido ao destinatário). Seu discurso é dirigido ao próprio fiel, e não a Deus ou aos santos (“suas vendas”, “sua vida”). Além de Deus, consta também a intercessão de Nossa Senhora. Aqui, o aspecto central do pedido é pessoal, relacionado à vida profissional do fiel “Bruno”. “Goreti”, assim, além de rezar pelo amigo, conecta-se com ele e lhe confirma sua ação.

Assim, a partir dos exemplos analisados, o processo de abertura do sistema por meio das interações rituais se manifesta como uma reconstrução do próprio sistema e de seus conteúdos. Embora o fiel não tenha acesso ao software que comanda o site, sua interferência nele provoca alterações que irão afetar os usos do sistema por outros fiéis, o que não acontecia nas interações rituais de fechamento. O sistema se expõe a essa interferência, e o fiel constrói a sua narração, que depois é reapropriada pelo sistema.

Há, assim, um processo de abertura por parte do sistema. Agora, é o fiel também que diz e narra o religioso. O fiel que visitar a página onde se encontram as velas acesas poderá encontrar ali marcas dos demais fiéis, poderá se apropriar de uma matéria religiosa que não é construção própria do sistema, mas sim uma construção de outro fiel, que foi, então, assimilada pelo sistema (diferentemente das interações rituais de fechamento, em que a construção é feita pelo sistema e assimilada pelo fiel). Essa matéria religiosa criada pelo fiel e assimilada pelo sistema irá se tornar, por sua vez, matéria religiosa para outros fiéis que visitarem o site. Sua construção simbólica e sua experiência religiosa se dá, também, a partir das demais manifestações dos fiéis, agora já como parte do sistema. O sistema se abre para a interferência do fiel, que nele insere matéria religiosa. O site a



processa e a assimila (ou mesmo a descarta), transformando essa matéria religiosa em conteúdo próprio do sistema, de acordo com seus moldes e protocolos. Outros fiéis, então, acolherão essa matéria (agora já parte do sistema), e inserirá outras, dando continuidade assim ao fluxo comunicacional.

Assim, manifesta-se a interpenetração sobre a qual falávamos acima. O site, enquanto sistema comunicacional-religioso, penetra no fiel, enquanto ambiente desse sistema. Por outro lado, o fiel, enquanto sistema, penetra no site, enquanto seu ambiente. Assim, provoca-se uma desordem, em que um é ambiente para o outro, como afirmava Luhmann (1990). Ambos – site e fiel – reconhecem-se enquanto sistemas que operam em um mesmo ambiente – o religioso ou comunicacional. Um age e abre-se à retroação do outro, reforçando a dependência um do outro: o sistema-site precisa do ambiente-fiel, e o sistema-fiel precisa do ambiente-site. Por isso, gera-se comunicação, no sentido luhmanniano.

Em alguns casos, por outro lado, os serviços remetem também a ritos secundários. No caso dos pedidos de oração, por exemplo, grande parte dos sites oferecem um “bônus”, informando que o pedido será levado ao altar da missa, ou ficará na capela (territorializada) do sacerdote que também irá rezar por essas intenções, ou será, enfim, “reutilizado” em outro ritual, fora do ambiente online. Reforça-se, assim, a interpenetração dos sistemas, já que o sistema-site, como subsistema de um sistema religioso mais amplo, reutiliza a matéria religiosa ofertada pelo fiel para alimentar também ações outras que não se desenvolvem no próprio sistema-site, mas sim em outras instâncias do sistema religioso. Ocorre, poderíamos dizer, um processo de *retroalimentação* das processualidades internas do sistema, o que favorece a sua auto-organização e auto-regulação. Afirma-se, por exemplo, que os pedidos serão colocados “na Capela Particular do Pe. Alberto, onde ele estará rezando por todas as suas intenções particulares, diante do Santíssimo Sacramento”, como no caso do site Encontro com Cristo (www.encontrocomcristo.org.br); ou “aqui você pode colocar a sua intenção. Essa mensagem será apresentada nas intenções comunitárias da celebração das 16h, no Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida”, como afirma o espaço para pedidos de oração da Capela Virtual do site A12.

Uma Tentativa de Análise Processual do Fenômeno da Mdiatização



O que até aqui apresentamos são algumas primeiras inferências, que ainda podem e devem ser mais aprofundadas e analisadas. Destacamos, porém, nossa tentativa de análise processual do fenômeno, das relações e interações que se manifestam nos rituais online. Compreendendo o fenômeno religioso na Internet como um fluxo comunicacional entre um sistema (site) e um ambiente (fiel) (e às vezes entre um sistema-fiel e um ambiente-site), detectamos processos de fechamento e processos de abertura do sistema ao fiel, que tendem para uma estabilidade. Nesse sentido, o fluxo é *centrífugo* nas interações rituais de fechamento, pois o sistema parece estar sempre oferecendo matéria religiosa ao fiel. Por outro lado, o fluxo é *centrípeto* nas interações rituais de fechamento, pois o sistema parece estar sempre acolhendo matéria religiosa. E nesse fluxo interacional, o sistema encontra a sua sobrevivência.

Assim, buscamos ultrapassar uma análise de *partes* de um suposto *todo*, para uma análise mais ampla que se insere e se adequa melhor ao contexto de uma sociedade em midiatização. Tentamos analisar nosso objeto não como somatório de elementos fixos e isolados, mas sim um processo de fluxo contínuo, retroalimentável e auto-organizador de sistemas, subsistemas e elementos em interação, mais aproximado das processualidades da comunicação, principalmente digital.

Em suma, buscamos nos focar nas lógicas que estão por trás de um simples gesto do usuário, como o de “acender uma vela virtual”, que se manifesta, em sua complexidade, no fenômeno da midiatização, ou seja, esse novo “bios virtual”, um “princípio de inteligibilidade social, um novo modo de ser no mundo” (GOMES, 2009, p.3) em que o sujeito passa a existir a partir do surgimento dos meios eletrônicos.

Procuramos analisar, neste artigo, como indica Fausto Neto (2009, p.5), aquelas “zonas de contato”, aquelas “superfícies multi-midiáticas” controladas pelo receptor que indicam “claros níveis de evidência” de um processo circulatório da comunicação. Nele, defende-se, o sujeito se apropria da linguagem para “referir-se, referir o mundo e referir o seu ‘socius’” (Id.). Ou seja, há uma complexificação do processo da comunicação.

Para nos aproximarmos do que ocorre nessas articulações, é preciso ir ao encontro dos “pontos de articulação”, que envolve um “dispositivo em que se realiza um trabalho de negociação e, conseqüentemente, de apropriação de sentidos, sendo postulados que apontam para divergências e não linearidades” (Id., p.8). A partir dos estudos de Eliseo Verón, Fausto Neto (2009) afirma que esse “âmbito da circulação” envolve uma “complexa articulação entre ‘propriedades do discurso proposto e as estratégias de apropriação do sujeito’” (Ibid.). Porém, hoje, com a expansão da Internet e de novas



formas e organizações comunicativas, é preciso analisar as “superfícies multi-midiáticas’ controladas pelo receptor” (Ibid.). Este, por sua vez, tem grande influência nessa nova configuração, assumindo o papel que o autor chama de “co-gestor” dos processos de produção e recepção, um “ator do processo” comunicativo.

Tentamos corresponder, assim, à “percepção de que o mundo midiático, e a sociedade que o conforma e é por ele conformada, está colocando em tela um novo conceito social e uma nova proposta de religião” (GOMES, 2009, p.2). Para compreender esse fenômeno, segundo Gomes (2009), é preciso reconhecer os processos midiáticos, que são “o conjunto de práticas comunicacionais pertencentes ao sistema de meios que opera segundo diferentes linguagens através de diversos dispositivos” (p.7). Para o autor, “os pesquisadores da comunicação permanecem ainda na descrição do fenômeno, nele não submergindo para compreendê-lo desde dentro, a partir de seus processos intrínsecos de estruturação” (p.8). Caberia, portanto, “transcender os fenômenos individuais e se concentrar na análise dos processos midiáticos mais amplos, com suas inter-relações, interconexões na sociedade” (p.9). Aqui, nossa tentativa foi de fazer uma análise mais ampla, embora sintética, desse processo: de seu complexo e complexidade.

Referências bibliográficas

- BOFF, Leonardo. **Experimental Deus: A Transparência de Todas as Coisas**. Campinas: Verus, 2002.
- BERTALANFFY, Ludwig von. **Teoria Geral dos Sistemas**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1977.
- FAUSTO NETO, Antônio. **Olhares sobre a Recepção Através das Bordas da Circulação**. Trabalho apresentado no XVIII Encontro da Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Belo Horizonte, 2009.
- GOMES, Pedro Gilberto. **Esboço para o Projeto de Pesquisa para 2010**. Buscando o objeto para encontrar a metodologia (ou fenomenologia da midiatização). No prelo, 2009.
- LIBÂNIO, João Batista. **A Religião no Início do Milênio**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- LUHMANN, Niklas. **Sistemi Sociali: Fondamenti di una Teoria Generale**. Bolonha: Il Mulino, 1990.
- MARTELLI, Stefano. **A Religião na Sociedade Pós-Moderna: Entre Secularização e Dessecularização**. São Paulo: Paulinas, 1995.